



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12367 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

JUVENTUDES: reflexões sobre as escolas de ensino médio

Erbio dos Santos Silva - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Waldir Ferreira de Abreu - UFPA - Universidade Federal do Pará

Janete Benjamin - UEPA - Universidade do Estado do Pará

JUVENTUDES: reflexões sobre as escolas de ensino médio

INTRODUÇÃO

O texto apresenta um debate sobre a juventude de cinco escolas que ofertam o ensino médio no território 17 (Santa Bárbara do Pará e Mosqueiro-Belém/PA) desvela a percepção dos jovens sobre a escola e reflete sobre o que ela é, o que representa e como tem impactado suas vidas.

Aqui as juventudes ganham centralidade, não apenas pelo protagonismo presente nas atitudes juvenis. Mas, sobretudo em análises, sentidos e significados revelados por eles frente às representações no contexto escolar. Sendo assim, o texto é resultado da pesquisa objetiva revelar como os jovens leem e entender a realidade escolar, bem como seu projeto educativo e contribuições à formação crítica das juventudes na escola de ensino médio.

A investigação foi realizada com aplicação de questionário e ouviu 82,2% das juventudes da USE 17 e subsidiou a realização do I Fórum de Juventudes do referido território, cuja centralidade está na questão-problema: **Qual a escola que temos? E qual a escola que queremos?**

O trabalho reflete o contexto, espaços, relações e o processo de ensino-aprendizagem que contribuí constantemente com o protagonismo juvenil no contexto das escolas. Mostra a realidade e as percepções das juventudes, ajudando a compreender os conflitos, desafios e perspectivas dos jovens das cinco escolas investigadas.

A pesquisa em tela é sustentada pela abordagem qualitativa, procura entender e explicar as contribuições dessa à caracterização do fenômeno estudado. Nesta direção, nos

apoiamos no materialismo histórico dialético, analisando os dados obtidos (BAUER & GASKELL, 2002). O debate dialético, ao qual nos propomos analisar passa pela totalidade, essência, aparência, contradições e conflitos das informações de maneira a desvelar os dados e os discursos presentes no contexto social investigado.

2. APONTAMENTOS SOBRE A JUVENTUDE

Tratamos aqui da **percepção dos jovens nas escolas de ensino médio**, para tanto a reflexão é afunilada em dois subtópicos, o primeiro denominado as “Juventudes: Construindo o Futuro”, que procura desvelar o pensamento dos jovens de ensino médio a respeito de seus sonhos e a construção de sua materialidade no presente e o segundo discutindo e problematizando o “Ensino Médio: da Perspectiva à Realidade”, onde o debate com as juventudes procura mostrar a escola que temos e como as escolas têm trabalhado para que o “sonho de amanhã” seja concretizado.

2.1. JUVENTUDES: CONSTRUINDO O FUTURO

Pensar o futuro, sempre foi um desafio às juventudes, justamente porque conhecer e compreender a realidade de um tempo que não é o presente, o imediato representa a falta de concreticidade e um pensamento distante da leitura juvenil no **ensino médio** de nossa atualidade. Nesta direção, discutimos o processo social, as juventudes, as realidades que vivem seus sonhos e a construção do futuro a partir do presente.

Na captura do pensamento juvenil, questionamos os investigados sobre a relevância da escola e da materialidade das disciplinas, aprofundando aprendizagens. Em síntese, quase 57% dos investigados apontaram que a proposta interdisciplinar é fundamental e satisfaz de forma mais significativa o aprendizado dos jovens. Isso porque, aliado à pedagogia de projetos as escolas dinamizam seu processo educativo tornando o ensino-aprendizagem mais leve e envolvente na medida em que possibilita aos alunos protagonizar aprendizagens apropriadas ao mundo de desafios que constitui o imaginário juvenil.

Mesmo destacando a interdisciplinaridade como referência à aprendizagem, quase 17% dos alunos também apontam à área de Linguagens (Educação Física) como relevante, assim como às Ciências Humanas que têm a preferência de aproximadamente 9% dos informantes (Sociologia).

Entre as justificativas está a **metodologia** que oportuniza a participação, flexibilidade e ambiente criativo, principalmente pelo **relacionamento assertivo, proativo e valorizador da relação professor-aluno**. O contexto diferenciado das aulas baseado em projetos, rompe com a formalidade e coloca os alunos em ambientes de respeito recíproco, lugar aonde o

valor e as regras são respeitadas por todos.

Mesmo não sendo as escolas dos sonhos, elas contribuem à formação de alunos maduros e conscientes de seu papel social, o que ficou perceptível ao serem questionados sobre os problemas das escolas. Sendo assim, a maioria deles, quase 48% afirmam que a **infraestrutura** (relacionadas à má estrutura dos banheiros, salas de aula e de informática, cozinha, quadra, laboratório, bem como a **falta de equipamentos** - ar condicionado, computadores, materiais para os laboratórios) representa o maior problema das escolas.

Tal realidade se justifica porque os problemas na infraestrutura limitam e fragilizam o processo de aprendizagem, já que reduzem a potencialidade do conhecimento que poderiam desenvolver, é o que ocorre com as **Bibliotecas** (26,8%) e **Laboratórios de Informática** (22,3%), pois nas escolas em que eles existem são subutilizados (geralmente utilizados como depósitos), já que não tem equipamentos e/ou profissionais habilitados ao desenvolvimento de um projeto sério e articulado com o PPP da escola.

É importante ainda, não isolar esse debate no contexto escolar, pois ele também é produto das múltiplas determinações sociais que influenciam diretamente a vida dos sujeitos, é o que destaca Dayrell (2007, p. 1106), pois

[...] o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem a conceber. Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção [...].

A reflexão de Dayrell aponta o campo de disputa em que as juventudes estão, pois não basta que essa população tenha seu projeto de vida, ela necessita enfrentar o projeto do capital, rompendo com o modelo excludente e conformador, de forma a protagonizar sua história, algo que Freire (1996a) já apontava, quando escreveu **educação como prática de liberdade**, afirmando a necessidade de **transcendermos a consciência ingênua à consciência liberta, crítico-reflexiva e transformadora**.

Notadamente, as escolas geralmente não discutem em seus projetos educativos as múltiplas variáveis sociais que determinam o modelo educativo e conseqüentemente os (des)interesses dos alunos com a escola, haja vista, que de modo geral restringem o papel da escola ao ensinar e as vezes, pior que isso, conotam esse papel ao simples repasse de conteúdos focados nos exames.

Os investigadores reconhecem que as escolas contribuem e/ou ajudam de múltiplas formas a encontrarem seus caminhos, em especial por meio de seus professores, algo marcado em alguns turnos de cada uma delas.

Os alunos reconhecem que os professores tem papel crucial na contribuição do processo de libertação da consciência ingênua, pois trazem oportunidades de reflexão do processo social, nos quais os sujeitos devem ter compromisso e atitude política.

Freire (1996b) em **Pedagogia da Autonomia** já afirmava que **ensinar exige algo mais complexo e bem além da síntese de transferência do conhecimento, pois tem perspectiva transformadora, logo não pode ignorar o contexto sócio-político e econômico**. Para tanto, destaca: **Não existe Docência sem Discência** (Pesquisa, Criticidade, reflexão rigorosa da práxis, respeito à identidade cultural), **Ensinar não é Transferir Conhecimento** (Consciência do Inacabado, humildade, tolerância e luta pela defesa dos direitos); **Ensinar é uma Especificidade Humana** (exige segurança, liberdade e autoridade, tomada de consciência - Compromisso Político, dialogicidade), tais apontamentos anunciam a complexidade do processo de ensino-aprendizagem e ratificam que ele não é exclusivo do espaço escolar, pois se refere à realidade e à dinâmica real da vida dos sujeitos interligados por múltiplas determinações sociais.

Tratar os alunos como sujeitos e não como objetos é um dos maiores desafios desse processo. Isso exige escuta e consciência da importância dialógica, construída por meio de uma práxis rigorosa, interativa, crítica e respeitosa, que tem consciência do inacabado, das contradições sociais, da necessidade do debate entre essência e aparência (MARX, 1983), procurando compreender o contexto da escola e dos sujeitos por meio de seu contexto, cunhado no trabalho docente e no ensino-aprendizagem, revelado nas vidas, desafios e dificuldades enfrentadas pelos alunos que estão cotidianamente buscando “alternativas e alimentos” ao sonho humano de construir suas liberdades. É nessa direção que aprofundamos o debate em tela, problematizando as perspectivas, analisando aquilo que a realidade aponta, planejando saídas à materialidade de seu projeto de futuro.

2.2. ENSINO MÉDIO: DA PERSPECTIVA À REALIDADE

A pesquisa mostrou que mais de 53% dos informantes acredita que a escola de qualidade é a saída para um processo educativo qualificado. Os investigados apontaram treze itens que indicam a escola desejada. Para facilitar as análises fizemos uma categorização que considerou as características de aproximação entre os itens, chegando a três categorias, a saber: **Ensino de Qualidade** (Financiamento/Equipamentos/Tecnologias/Dinâmicas Atualizadas/Orientação aos alunos) com 72,5%, **Gestão de Qualidade** (Segurança/Gestão de Pessoal/Infraestrutura) com 17,4% e a ignorância das possibilidades por parte de 10,1% dos investigados que **não declararam** problemas, mesmo que sejam evidentes.

Os investigados, mesmo não estando no “modelo” desejado pelo capital revelam compreender o projeto educativo como redimensionador, garantindo que a **escola de qualidade é aquela que tem estrutura física, equipamentos, professores, insumos, financiamento e projeto educativo que atendam às necessidades dos sujeitos,**

contribuindo com a conquista de sua dignidade. Dayrell (2007) afirma que os jovens são iguais aos demais sujeitos, pois o lugar social que ocupam também é repleto de contradições e complexidades.

[...] são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida. Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento [...] (p. 1109).

As juventudes possuem suas peculiaridades, o que lhes ajuda a enfrentar os desafios e contradições do mundo, haja vista suas discordâncias com o projeto do capital em curso. Portanto, quando não são alienadas, não apenas querem, assumem seu protagonismo, decidem, propõe e enfrentam a realidade, frente as incertezas e falta de oportunidades alguns não aprendem nem amadurecem, deixando de compreender as contradições do mundo real, daí se limitarem, às vezes as superficialidades da vida. Elementos cuja marca da contemporaneidade os impulsiona às interações, ainda que líquidas, já que parte desse coletivo se reúne em multidões muito mais por conexões trazidas típicas de seus sujeitos e representações, ou seja, pelas diversas formas de expressão (DAYRELL, 2007).

Entre os resultados apontamos que a escola de ensino médio que temos é limitada, pois quase não dá voz aos sujeitos, daí os alunos, apontarem que para ser de qualidade ela demanda **projetos educativos**, baseados nas escutas e envolvimento das juventudes, na presença de docentes qualificados e em uma equipe sólida de gestão, além de um financiamento adequado que garanta a infraestrutura necessária. Logo, a escola precisa ser um espaço de múltiplas oportunidades, de expressões, marcadas pelas inquietudes e compromisso dos jovens na relevante construção da realidade em que ela é base.

CONCLUSÕES

O texto não descarta o poder ideológico da escola e mostra que falta a ela um projeto educativo sólido comprometido com o protagonismo juvenil, mesmo os informantes tenham sinalizado que ela contribui para seus projetos de futuro. Porém, ficou evidente que ao reconhecer a contribuição da escola, os alunos fazem questão de focar que esta é uma postura de professores em horários específicos.

A escola que temos ainda não é aquela que forma, em sua maioria, sujeitos crítico-reflexivos, mas a maioria dos alunos acredita que ela tem contribuído à tomada de consciência. Porém, mostra ainda, a necessidade que a juventude tem de um acolhimento, de atenção que permita compreender o processo social, as relações em seu meio (lugar, região, país), de forma a construir projetos de vida e consolidar seu papel como sujeito do futuro

ainda no presente, daí dizerem que a escola de qualidade ainda esta longe daquela vivenciada por eles.

A pesquisa deixa claro que a escola precisa aprofundar seu papel social, reconstruir conceitos e procedimentos, partindo da reformulação de seu projeto educativo, sendo exequível e relevante aos seus sujeitos, se comprometendo com a formação social ativa, no despertar do protagonismo social, assumido na história, cultura, no seu tempo e identidade.

A escola precisa querer e agir para libertar-se do capital, do contrário ela não ajudará as juventudes a compreender a complexidade social. Não basta falar para o aluno participar e construir projetos faz-se necessário que trabalhemos situações-problema que os ajudem a se perceber como sujeito, seu lugar de negação ou afirmação, compreendendo o projeto social em curso, possibilitando seu enfrentamento ou acomodação.

A escola não deve dizer o que fazer, mas contribuir para que o aluno enxergue e saiba que atitudes tomar coerentes com sua classe social. Desta forma, contestar, envolver-se ou construir um projeto de vida perpassa pela comunhão com aqueles que comungam e vivenciam as peculiaridades dessa identidade juvenil, incerta, inquieta em busca de saídas. O debate continua!

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

DAYRELL, J. **A Escola “Faz” As Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Campinas/SP: CEDES/UNICAMP, 2007. (Revista: Educ. Soc., vol. 28, n. 100-Especial, p. 1105-1128, out/2007). Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 04/09/2019.

DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, Carla L. (Orgs). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

FREIRE, P. **Educação como Prática de Liberdade**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996a.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo. Ed. Autêntica, 1996b.

GROSBAUM, M. W.; FALSARELLA, A. M^a. **Ensino médio, educação profissional e desigualdades socioespaciais no estado de São Paulo**. São Paulo: Cadernos Cenpec, 2016. (v.6/n.2/p.192-215; jul./dez. 2016). Disponível em: cadernos.cenpec.org.br/index.php/cadernos/article/. Acesso em: 01/10/2019.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. V1. Livro I. São Paulo: Abril, 1983.